



A MORTE DE ANANIAS.

De outro cartão de Raphael [dos sete conservados em o palacio de Hampton (\*)] é transumpto a gravura que precede: representa a morte de Ananias, referida nos Actos dos Apostolos.

Depois da prégaação milagrosa no dia de Pentecostes, a conversão fazia rapidos progressos, e crescia assombrosamente o numero dos cathecumenos. Os primitivos christãos abraçavam os puros e benéficos principios da lei evangelica com perfectissima abnegação, depondo aos pés dos apóstolos os seus bens para que fossem communs, e todos os fieis vivessem em harmonia, e por tal forma que parecesse serem animados por um só coração e inspirados por uma só alma. Do numero dos recém-convertidos era um individuo, chamado Ananias, o qual de combinação com sua mulher Saphira vendeu uma herdade, que possuíam, e tendo guardado uma parte do preço veio pôr a outra aos pés dos apóstolos. Esta foi a occasião que o pintor escolheu para figurar este facto. — Os apóstolos estão congregados em uma casa, espaçosa porem modesta, correspondente á humildade que professavam, e collocados em um tablado, logar alto, como convem aos que prégam á multidão, para que todos facilmente ouçam as palavras, e concebam melhor o sentido dellas vendo o gesto que as acompanha: porem, para dar a necessaria importancia ao acto, o sitio que os apóstolos occupam está adornado com uma singela armação de tapeçaria. Á direita do estrado ou tablado ha um grupo de convertidos, que recebem o que precisam, para sua manutença, das mãos dos apóstolos, patenteando estes assim o uso que faziam dos recursos que os fieis entregavam á sua disposição. Entre os varios proselitos entrára Ananias, homem de sordido interesse que intentava comprar com uma parte de seus bens todas as vantagens da comunidade, e reservar a outra para exclusiva utilidade da sua pessoa. — Vender cada cathecumeno a sua fazenda não era mandato senão conselho, porem, no caso de se desligar dos bens deste mundo, era obrigação imperativa de uma religião pura; e portanto foi grande o crime de pertencer contaminar a santidade da religião nascente com uma voluntaria hypocrisia. — Deus, que velava pela gloria da nova Igreja, revelou a S. Pedro a ruim intenção do christão supposto, e suggeriu-lhe o castigo condigno a sua má fé. Ainda bem não tinha Ananias acabado de offerecer a parte do preço da sua propriedade, o arguiu Pedro desta maneira: — «Ananias, porque tentou satanaz o teu coração, para que mentisses ao Espirito-Santo? . . . Não é verdade que conservada tua fazenda ficava para ti; e que vendida tinhas o preço em teu poder como cousa tua? . . . Não eras senhor de vender ou deixar de vender o teu campo? . . . De vir aqui offerecer ou deixar de offerecer o que por elle te dessem? . . . Para que commetteste esta fraude? . . . Tu não mentiste aos homens, mas sim a Deus.» — Assim que Ananias ouviu estas palavras do inspirado apóstolo, cahiu por terra, e logo expirou com grande terror de todos os circumstantes.

Entre as obras do insigne Raphael não se achará outro modelo mais appropriado, exacto e energico, em respeito á acção, caracter e expressão, do que a pintura de tal acontecimento. A expressão do offendido zelo de Pedro, como vigario de Christo, a attitude em que tem o braço estendido e apontando para o céu, exprime enfaticamente que a manifes-

tação do delicto do hypocrita veio de cima, e não de humana denuncia; ao mesmo tempo que os outros apóstolos, collocados atraz de Pedro, mostram em seu extatico assombro que veem patente a interposição da justiça divina. A postura d'Ananias indica com evidencia que a sua morte foi repentina: e toda a acção é consecutiva; estivera elle de joelhos no primeiro degráu do tablado, e tendo cahido de costas, parece que está fazendo um involuntario esforço para suster-se um momento antes de ficar estendido no chão, porque então não poderia o pincel exprimir a sua agonia mortal. Tão subito foi o castigo, que nos primeiros instantes não foi percebido senão pelos que estavam logo ao pé e olhando para aquelle sitio: por isso vê-se os dois apóstolos a distribuir esmola aos cathecumenos, ignorando uns e outros o que se passava junto ao tablado. Duas pessoas, á parte direita, inculcam estarem tomadas de terror; uma quer fugir; e o mancebo retrocede horrorisado. Dois homens, da parte esquerda, parece que em meio de seu espanto reconhecem a justiça da imposição da terrivel pena. A ultima figura á esquerda do quadro representa Saphira, como entrando naquelle recinto e contando o dinheiro que vinha entregar, ignorante de que esse mesmo ouro causára a morte de seu marido, e que ella pela mesma razão a soffreria, manifesta a sua falsidade.

Ha de notar-se que Saphira não se apresentou aos apóstolos senão tres horas depois da funesta catastrophe do marido: mas o artista não havia de fazer dois quadros com a unica differença de uma figura; e sendo a scena igualmente applicavel ao marido e á mulher, o talento subtil de Raphael lhe suggeriu reunir o termo dos dois castigos, figurando a mulher a caminhar absorta na contagem do dinheiro, e no mesmo sitio, onde lhe aconteceu exactamente o que se representa neste cartão admiravel.

#### MACHINAS.

##### [Conclusão.]

Pon ter defendido as machinas contra os que as atacam na base, e negam suas vantagens, ou lhes assacam defeitos que lhes não pertencem, não cahiremos nós no vicio opposto daquelles economistas, que deixam ao tempo e á Providencia o restabelecimento do desarranjo causado aos capitães e sobretudo aos braços, empregados n'um ramo d'industria pela apparição de um invento que os vem desapossar. Sendo indubitavel que a addição das forças da natureza ás do homem acrescenta á energia da producção, e com ella á abundancia dos productos; não é menos certo que a intervenção dessas novas forças vem diminuir a importancia daquellas, com que o trabalhador grangeia o seu salario. Os agentes naturaes, se funcionam na industria, são forçosamente competidores dos braços laboriosos. É incontestavel que o auxilio, prestado pelo poder mechanico, com baratear as mercadorias, augmenta os commodos da sociedade em geral, e do operario na qualidade de consumidor que é; mas na qualidade de productor não succede assim. Se o trabalhador podesse dispôr desse auxilio immediatamente, e para proveito proprio, então, em vez de ser um rival perigoso, o mechanismo lhe seria alliado favoravel: mas exigindo tanto a construcção como o emprego das machinas

(\*) Vid. a pag. 314 deste vol.

complicadas adiantamentos e capitaes, que não es-  
lão ao alcance do pobre, este novo instrumento pro-  
ductivo vem a parar em privilegio dos poucos que  
delle podem servir-se, e os lucros havidos do seu  
uso a accumularem-se nas mãos do pequeno numero  
que cooperam na obra da produção com o mesmo  
instrumento; em quanto os trabalhadores que só-  
mente cooperam com a sua força muscular, não  
conseguem senão uma recompensa adequada á di-  
minuta utilidade dessa força. Ora [já o notámos] o  
prestimo do trabalhador decresce á proporção que  
se estende o emprego das forças mechanicas: e nem  
póde deixar de descer nesta proporção, porque a  
renda, a principio consideravel, do empregario  
que se prevalece d'uma descoberta decresce, do  
mesmo modo, á medida que outros empregarios  
concorrem a explora-la; vindo o barateio das mer-  
cadorias, ou o augmento de productos sem acres-  
cimo de gastos — o grande beneficio e o duradouro  
das machinas — a ser exclusivo do consumidor; não  
do productor.

Embora Say diga que o novo mechanismo do al-  
godão, longe de desoccupar as pessoas que subsis-  
tiam do velho, dera emprego a muitas mais: nem  
todas as invenções são seguidas de effeitos iguaes  
aos desta, nem esta mesma o foi de semelhantes ef-  
feitos com tamanha rapidez que não houvesse um  
*intervallo* em que os fiandeiros do algodão pelo me-  
thodo antigo deixassem de estar sem emprego pela  
invasão do moderno. Este *intervallo*, este tempo  
que decorre no restituir o equilibrio entre a ruina  
d'uma industria e o nascimento da que lhe succe-  
de — tempo de tribulação para homens desempre-  
gados — não é computado nos calculos de mais  
de um economista. Desprezam-se, em conceito de  
fracção insignificante, mezes, e póde ser que an-  
nos inteiros de privação para operarios sem traba-  
lho. Chegam a negar que lhes falta que fazer. *Po-  
dem* [diz-se] *mudar de occupação*. Esquece que nem  
sempre é facil depara-la — que não basta encon-  
tra-la, é mister aptidão para a exercer — que nem  
todas as idades, e nem todos os individuos são pro-  
prios para o apprendizado de novo officio; nem todo  
o officio leve de aprender. Discorrem, como para  
simular os inconvenientes das machinas, que ao  
passo que se multiplicam e aperfeçoam, se vai  
gradualmente estorvando a intrusão de outras: mas  
a contradita — e formal — está exarada no inqueri-  
to que em 1824 fez uma commissão da camara dos  
communs, onde ao contrario se testemunha ser o  
melhoramento dellas progressivo e accelerado de  
sorte que em poucos annos vem a ficar completa-  
mente inuteis as que mais perfectas se cuidavam.  
Em geral as consagradas á produção de artigos  
muito procurados chegam rara vez ao ponto de tras-  
te usado, porque antes de tocar este ponto são des-  
pedidas por outras que executam o mesmo traba-  
lho ou mais depressa ou melhor. O que os calculo-  
s mais seguros mostram é, que para deixarem  
ganho devem remir o seu custo dentro de cinco  
annos, e que dentro de dez vem a aposentá-las ou-  
tras de merito avantajado. No fabrico dos filós in-  
glezes aconteceu succederem-se os aperfeçoamen-  
tos tão rapidamente uns aos outros, que machinas  
houve que ficaram por acabar nas mãos do cons-  
tructor, prevenidas por inventos mais felizes.

A estes inconvenientes vem ajuntar-se outros,  
de que já tomámos nota: as guerras e medidas fiscaes,  
tanto internas como externas, que fechando a  
saida aos productos das machinas, se conver-

tem contra o trabalhador, reduzindo-lhe o empre-  
go e o salario, e tanto mais quanto a potencia  
mechanica cerceia mais no trabalho humano. E ain-  
da que esta casta de males não procedam, segun-  
do atraz declarámos, das machinas; nem por isso  
deixam de ser accidentalmente aggravados pela exis-  
tencia dellas, e fataes á dos operarios.

Não estão isentos de experimentar, no seu tanto,  
este amargo do infortunio os empregarios e capita-  
listas: mas muito menores em numero, e com re-  
cursos para subsistir, do que carece o trabalhador  
no meio d'uma crise industrial, o seu soffrimento,  
muito mais suave, não chega nunca ao apice da  
miseria, de que é victima aquelle que outro ganha-  
pão não tem, excepto a robustez dos seus musculos.

O remedio pois, que menos necessario a outras  
classes, não póde escusa-lo o trabalhador, qual  
hade ser? É arduo determina-lo. Quasi todos re-  
ceitam as caixas economicas; mas não se accingem  
a ellas.

Babbage (1) recommenda [a modo de preservati-  
vo] que os membros d'uma familia aprendam, ca-  
da um, differente officio.

Julio Burat, um dos redactores do dictionario  
universal do commercio, em ordem a dar que fa-  
zer aos braços desoccupados nos tempos de penu-  
ria e vicissitude, aconselha estabelecer trabalhos  
de utilidade publica na visinhança dos districtos  
fabris.

Outro collaborador do mesmo dictionario, quei-  
xoso da desigualdade e injustiça, com que em rela-  
ção aos demais productores se quinhoa o traba-  
lhador em paga do seu serviço, suggere — como meio  
de fugir a esta desproporção e seus inconvenien-  
tes — que o operario — até aqui as mais das vezes  
contado simples utensilio, semelhante ao animal  
e ás machinas que se eliminam a arbitrio — seja  
d'ora em diante chamado á categoria de socio in-  
dispensavel da empreza productiva, não só por traba-  
lhar para ella de communidade com o empregario;  
senão por ser o producto um resultado indivi-  
sivel — sim — mas nascido do concurso de am-  
bos, e o preço representar os diversos elementos  
de que se compõe o objecto vendido.

Rau (2) propõe aos operarios que alternem o exer-  
cicio da industria manufactureira com o da agri-  
cola.

Degerando (3) julga muito efficaz a criação de  
conselhos industriaes que superintendam no repar-  
tir os trabalhadores pelas differentes industrias, na  
sua mudança d'uma terra para outra, e na manei-  
ra de os classificar nas differentes profissões — que  
indiquem os logares e officios onde se declara pe-  
dido regular de trabalho, ou excesso na sua offer-  
ta — que presidam á instituição de escolas indus-  
triaes, diversamente graduadas — e que promo-  
vam a formação de sociedades de soccorro e pre-  
venção.

Reybaud (4) que em suas considerações abrange  
as machinas, e todos os instrumentos da produc-  
ção, depois de analysar as theorias de Saint-Si-  
mon, Fourier, e Owen, e achar bom e máu em  
todas ellas, convencido da impotencia da auctori-  
dade publica a intrometter-se em taes objectos,

(1) Obra citada, pag. 448.

(2) *Traité d'Economie Nationale* §§ 396 e 397 — tra-  
dução de Kemmeter — Bruxellas, 1840.

(3) Obra citada tom. 2.º pag. 148 e 149.

(4) *Etudes sur les reformateurs contemporains ou so-  
cialistes modernes*. Bruxellas 1841.

tem para si que só a *liberdade* pôde, provisoriamente, ser lenitivo aos males que supporta a classe dos trabalhadores. Liberdade de testar, liberdade de comprar e vender, liberdade ampla com abolição de todos os privilégios. Os privilégios da navegação, do commercio, da agricultura, da industria, dos officios, da bolça, da agiotagem, dos rendeiros do Estado, dos bancos, e os administrativos, extinctos. Os monopólios de toda a especie, da pólvora, e do tabaco, os direitos exorbitantes sobre o sal e as bebidas espirituosas, também extinctos. Tudo gradualmente, e sem grande abalo. Mas tendo este alvitre na conta de paliativo, sómente do tempo, da educação progressiva, e da associação, cuja formula, a seu juizo, ainda está por achar, espera mudança que satisfaça.

Rossi (5) lembra, para acudir ás povoações surprehendidas por uma nova machina, socorros momentaneos, e trabalhos extraordinarios; mas dá-nos a triste certeza de que o remedio radical só do tempo pôde vir, e da propria força das cousas.

Os tres milhões e tantos mil cidadãos inglezes que em maio passado dirigiram petição á camara dos commons, lastimando-se do desamparo e penuria das classes que vivem do trabalho, imputavam a sua sorte a salarios diminutos, a impostos vexativos, especialmente os que pesam sobre artigos de primeira necessidade; a despezas excessivas com funcionarios civis e religiosos, e o exercito; ao monopólio da moeda papel, das machinas, da terra, da imprensa, e do transitio — *secundariamente*: e *principalmente* á defeituosa organização da camara dos commons. Como remedio pediam, pois, parlamentos annuaes; escrutinio secreto de votos; subsidio aos deputados; faculdade de os eleger para todos os varões de maior idade, entendimento são, e não implicados em processo crime; direito para os eleitores de revogar o mandato; e divisão do territorio em districtos iguaes. Na reclamação não comprehendiam os vexames procedidos das machinas sómente, senão todos e de toda a ordem; e nem os attribuíam ás machinas, senão ao *monopólio* que dellas se faz: objecção que não entende, de nenhuma forma, com a sua utilidade.

O Sr. Silvestre Pinheiro (6), um dos maiores pensadores que tem illustrado o nosso paiz, chamando o litigio ao terreno, para onde o inclinam mais a vocação dos seus estudos, e a tendencia do seu espirito — o do direito — contempla a introdução das machinas no ponto de expropriação forçada do patrimonio do trabalhador que são os seus braços; e reconhecendo a sociedade auctorizada, pelo interesse geral, a praticar este acto de esbulho, quer inteiro resarcimento dos prejudicados, até que por outras vias recuperem o emprego temporariamente perdido.

Fazer inventario destes arbitrios, sem ser para discutir ou comparar o seu merito, senão para mostrar como os inconvenientes passageiros que se notam ás machinas tem emenda, foi o nosso intento. Ou por falta de reflexão, ou outra se tem baralhado os transtornos accidentaes que ellas causam com outros de tronco estranho. Olha-se, por modo de um todo homogeneo, para o aggregado de circumstancias, essencialmente distinctas, que, mui-

tas na realidade, e algumas na apparencia tem gerado o desamparo dos trabalhadores; e cada qual procura explicar, ou resolver a seu geito o temeroso problema da distribuição da propriedade que ellas exprimem, sem distinguir um problema tão complexo. Este desassocego que atormenta as nações mais prosperas — esta eiva que lavra no coração das sociedades mais civilizadas — este condensar de nuvens ameaçadoras — este agitar de operarios que se reúnem, se preparam, se armam, e se arregimentam — este contraste da mais lastimosa indigência ao pé da mais colossal riqueza espanta! Mas onde a causa, e sobretudo a salvação, e o remedio?

Se o do pauperismo está n'uma distribuição da propriedade melhor regulada do que até hoje o tem sido, é de intuição que a cura será facil tanto mais quanto medrar a cousa que mais opposta se conhece ao pauperismo — a riqueza. Ora não ha senão dois unicos modos de augmentar a riqueza [pois nem Ricardo (7) que os aponta, nem nenhum economista sensato nos tem revelado outros] e estes dois modos — consistem ou em «empregar uma porção mais consideravel da renda no trabalho productivo, ou, sem empregar uma quantidade de «trabalho adicional, augmentar as forças productivas. O primeiro alcança-se com economias, reduzindo as despezas nos objectos de luxo e recreio, e consagrando o que assim se poupa á «reprodução. O segundo pôde conseguir-se, ainda que nem se reduzam as despezas de luxo e recreio, nem se acrescente o trabalho.» É destas duas maneiras de augmentar a riqueza, diz Ricardo e com razão, que se hade preferir a segunda; porque tem a mesma virtude, sem nos abster de gosos, nem diminui-los: o que é inevitavel pela primeira.

Sendo evidente que a primeira respeita aos capitães, e a segunda, que é a mais vantajosa, ás machinas, uma dellas se hade escolher. Não ha sahir deste circulo [no qual, se entende, estão também incluídos a terra, e o trabalho]. E tanto, que buscando-se o meio mais efficaç de dar impulso á riqueza, o mais cabal que se offerece é facilitar a produção: e procurando-se o mais adequado a facilitar a produção, não se depara nenhum tão presentaneo como as machinas. As obras economicas ainda as mais patentemente votadas a melhorar a condição das classes laboriosas, não estribam n'outra theoria, nem se afferem por outra medida. A de Michel Chevalier (8), entre muitas, que plano propõem para o adiantamento material da França? Limita-se a tres expedientes — vias de comunicação — instituições de credito — e escholas industriais. As primeiras, que outra cousa não são senão machinas de abreviar o transporte: as segundas que vem a ser meio mais rapido de fazer girar os capitães: as terceiras, seminario de aptidões especiaes, para fomento da industria. São tres methodos de prosperar um paiz, facilitando a produção: e cada um destes methodos depende ou das machinas, ou dos capitães, ou de ambos. A riqueza não pôde existir sem elles, nem outro cauterio se pôde applicar á indigência, a maior de todas as chagas sociaes. A questão do pauperismo é insolúvel, sem a assistencia destes dois agentes:

(5) *Cours d'Economie Politique*, tom. 2.º pag. 260, e 263 — Paris, 1841.

(6) *Précis d'un cours d'Econ. Polit.* pag. 84 e 85. — Paris, 1840.

(7) *Des principes de l'Economie Politique*, e de l'impôt pag. 205 e 207 — traducção do Sr. Constancio — Paris 1835.

(8) *Des intérêts materiels en France*, Paris 1836.

e vedando-se as machinas, pôde guardar-se mais igualdade na distribuição da miseria; da propriedade, não é possível. Quando Botton, socio do celebre Watt, foi á presença de Guilherme 3.º, de Inglaterra, explicar-lhe um dos aperfeiçoamentos recentes na construcção das machinas de vapor, perguntando-lhe o rei: «Que nos trazeis, Sr. Botton?» Respondeu-lhe este: «Trago a V. Magestade a cousa que os reis mais presam — poder.» Poder, ou força que, segundo já notámos, a natureza faculta ao homem, e o homem utiliza por mediação das machinas; poder benefico e creador, porque emana da Providencia — bem dessimilhante de outro, que é esteril e mortifero, porque nasce do despotismo, e da violencia.

Não é [sem embargo da opinião de Malthus] com o ultimo que se hão de atalhar as explosões da fome que assalta, por vezes, a classe dos operarios, e o conflicto industrial que inquieta as sociedades modernas. Quaesquer que sejam as providencias que se tomem para pôr-lhe termo, não acreditámos possam ser uniformes em toda a parte; antes tão varias como os casos que occorram, e as circumstancias peculiares de cada paiz; acrescentando sómente que essa collisão ainda está distante do nosso.

Nós não soffremos da multiplicidade das machinas; mas da falta dellas, ou da imperfeição das poucas que temos: de que, pelo desengenho e rudeza, podem ser excellentissima amostra os nossos pesados carros. Não experimentámos embaraço de superabundancia, verdadeira, de productos; mas difficuldade de os levar ao mercado por estradas — precipicios: que assim morrem elles na sua terra natal por falta de movimento, como as plantas se estiolam por falta de luz. E desta theoria economica candidamente podemos dizer que nem a verdade, nem o sofisma, nem o favor, nem a injuria conhecemos.

Outras nações lhe tem já provado o deleite, e o azedume. Prejuizos se insurgiram contra ella; interesses mal avisados lhe declararam guerra; e literalmente a queimaram em estatua os que em Inglaterra lançaram fogo ao primeiro moinho de vento, que se construiu para serrar madeira. Espiritos superiores a tem duvidado e combatido. Embora! A evidencia é mais forte que o paradoxo, e as necessidades sociaes mais tenazes, e vividouras que os erros populares. As nações não hão de banir, loucamente, a trabalhadores incançaveis, que não comem, nem bebem, nem dormem, nem repousam, nem enfermam, nem fazem ligas, nem levantam uniões, nem arvoram o estandarte da insurreição; e que apesar de tão mansos e inoffensivos são mais democratas que Washington, mais revolucionarios que a Convenção, mas jacobinos que Robespierre, mais amigos da igualdade que Rousseau, mais progressistas que a extrema esquerda, mais propagandistas que toda a propaganda religiosa e politica, mais implacavelmente radicaes e reformadores que todo o radicalismo em pessoa, antigo e moderno! — Não! —

Admiraveis apóstolos da industria, conquistadores de batalhas incruentas, as machinas triumpham civilisando, multiplicando as gerações, e os meios de subsistencia. Ao seu fiat creador sahiu do seio da natureza uma população invisivel, muito mais numerosa que a visivel e real, a quem vem auxiliar nos obstinados combates da vida laboriosa; e com este auxilio, similhante ao que o anjo deu ás

tribus de Israel, vence o homem a inimigos ainda mais terriveis do que os filisteus — aos saltos do Niagara, ás furias do Oceano, á profundeza das minas, á dureza do ferro, ao peso desses gigantes de pedra que se erguem no meio dos desertos do Egypto, ao escarpado das mais elevadas rochas, ao natural, mais rude ainda e mais escarpado, das hordas selvagens.

Que se não conjure, pois, contra as machinas uma nova seita de iconoclastas. Que se não regeite esta mercê que a Providencia dispensa ao homem. Que se não prive a nossa raça desta formidavel alavanca com que dominámos a materia, e escalámos o proprio céu, tornando as leis astronomicas em vantagem dos habitantes da terra. Que promiga em sua tarefa esta plaina infatigavel, desde seculos, no empenho de irmanar peões e cavalleiros, e todas as peças do xadrez social. Que este grande instrumento de progresso e perfectibilidade se não condemne. Que se deixe sazonar este fructo que ainda está em agráo, e se legue ao futuro esta esperanza infinita do homem, esta fé profunda no primado da sua intelligencia sobre os elementos, sobre o mundo exterior, sobre as forças physicas do Universo!

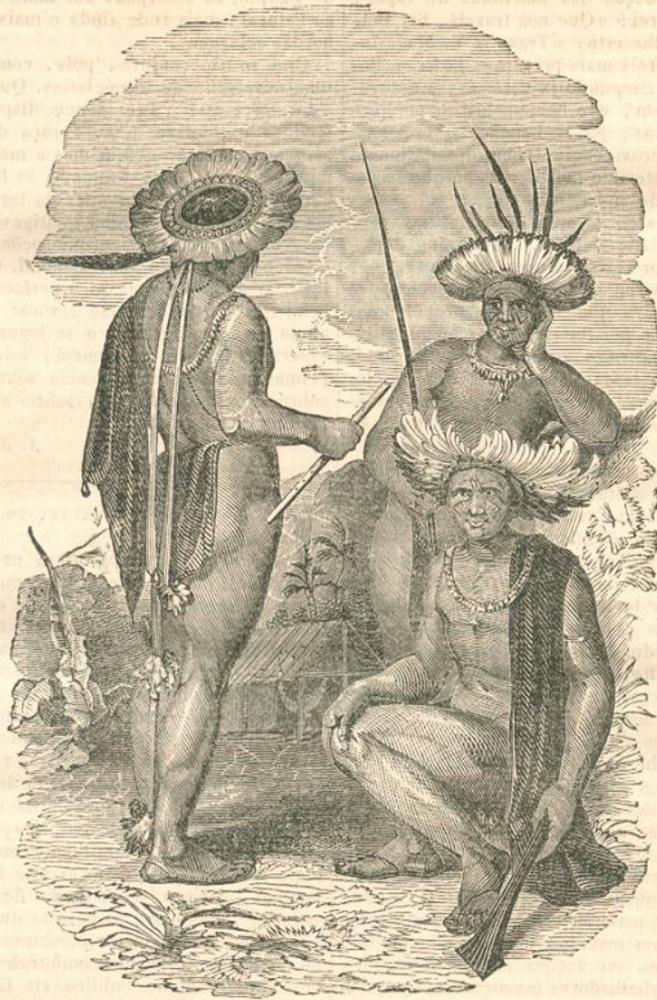
A. de O. Marreca.

#### INDIOS DA GUAYANA INGLEZA.

QUANTO mais progressos fazem na cultura de suas faculdades intellectuaes os homens a quem coube em sorte nascer n'uma sociedade civilisada, quanto maior é o gráu de perfeição, tanto mais os excita a curiosidade relativamente a tudo o que tem relação com aquelles individuos menos privilegiados, que permanecem ainda no estado primitivo de ignorancia e rudeza. Mas esta curiosidade ou desejo natural não é facil de satisfazer, pela difficuldade que ha geralmente em tratar com os povos selvagens por largo periodo de tempo, que é o meio unico de lograr aquelle intento; não mettendo alem disso em conta as privações, sacrificios e riscos inherentes a similhante empreza. Não obstante isso não falta quem arrostee inconvenientes tamanhos, desenvolvendo assás de energia e perseverança: mas entre as pessoas que a tal investigação se dedicaram ninguem sobreexcedeu o americano Catlin e o allemão Scomburgh, que ha dois annos expozeram ao publico em Londres o resultado de suas diligencias e observações. Mr. Catlin propóz-se a adquirir exacto conhecimento dos costumes, habitos e character das varias tribus do norte da America, e com este intuito permaneceu entre ellas longo tracto de tempo adoptando seus modos de viver, no que lhe era possível. A sua larga residencia e a familiaridade que chegou a travar com alguns caciques lhe facilitaram meios de conseguir o seu fim, muito mais sendo artista e de não vulgar merito, pelo que pôde consignar em tela verdadeiras effigies dos individuos principaes das tribus com quem lidou, com representações exactas e minuciosas dos trages, attitudes, expressão dos rostos; e do mesmo modo quadros dos usos e ceremonias, vistas de paiz, e das choças e aldeas, bem como dos jogos e dos arranjos domesticos. — A tão preciosa collecção, que se compõe de mais de 500 paineis a oleo, aggregou Mr. Catlin um museu completo de objectos adquiridos dos indios individualmente, já por meio de trocas, já

por compras, mas a maior parte em virtude de presentes e mimos que recebeu dos indígenas: nesta variedade acham-se vestidos e enfeites, que não são destituídos de graça e elegancia, e se notam

objectos, admiraveis pelo lavor, por isso mesmo que foram fabricados com poucos e grosseiros instrumentos: sobre tudo os tecidos, de varias materias, são de muita perfeição.



A exhibição de Mr. Scomburgh, tambem representa o Novo-Mundo, mas n'um ponto opposto ao que escolhêra Catlin; porque o seu objecto é mostrar os usos, habitos, industria e territorio dos indios da Guayana ingleza [America meridional]; quando a appresentou em Londres não era tão abundante como a do Norte-America, mas por outro lado offercia um attractivo addiccional que a outra não possuía, qual era a presença de tres indigenas, que diante dos espectadores praticavam varios jogos e exercicios proprios do paiz de que procediam. Nesta exposição nada faltava para a copia mais fiel; porquanto se figurava a apparencia da realidade mediante plantas e arvores artificiaes levantadas em diferentes pontos do recinto, como exacta imitação das produções exoticas que representavam, completando a illusão lindas perspectivas pintadas nas paredes que formavam o fundo da

paizagem e tambem copiadas do natural: no centro erguia-se uma vistosa choupana india com os utensilios domesticos, e della sabiam, á voz do proprietario da exposição, os tres indios a darem-se em espectáculo aos curiosos; d'uma vez appareciam de arcos e flechas, d'outra vinham tocando seus rudes instrumentos musicos e dançando á moda de sua nação.

Mr. Scomburgh foi o director de uma commissão que pelo fim de 1834 enviou o conselho da real sociedade geographica de Londres á exploração do interior da Guayana ingleza; das suas viagens e observações tem escripto memorias, recheadas de factos interessantes e novos, notaveis pela deducção dos raciocinios e pela erudição. Já demos noticia de uma sua descoberta que revelou ao mundo botanico uma nova maravilha vegetal, a extraordinaria planta aquatica, denominada em hon-

ra da joven rainha britannica, *Victoria regina*: vid. vol. 2.º da 1.ª serie, pag. 47.

As tribus que habitam as Guayanas e terrenos adjacentes, nas quaes tem colonias inglezes, francezes, e hollandezes, e nós já tivemos algum quinhão, passam essencialmente vida erradia, e seu alvergue é o matto; subdividem-se em numerosas hordas que entre si differem em usos e linguas, sem contudo deixar de manifestar-se em todas ellas uma afinidade original, como nas outras americanas, o que prova que remotamente estiveram unidas, e tanto assim que os selvagens das Guayanas semelham em suas maneiras os americanos do continente septentrional.

A Guayana ingleza abrange seis tribus distinctas de indígenas: os indios que representa a gravura anterior pertencem a tres diversas tribus, e ainda que existe em seus modos e costumes grande similitude differem sem embargo na linguagem: em seu estado natural andam nus, sem mais cobertura que uma pequena tanga ou avental. Ao pescoco trazem um collar ou enfiada de dentes de animaes, com dois dos de tigre pendurados, que aquella supersticiosa gente considera infalíveis talismans: no mesmo collar prende um pedaço de pelle de jaguar que cobre parte das espaldas. O adorno da cabeça, composto de vistosa plumagem, é engraçado e picturesque.

#### ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

Não tem sido modernamente muito elogiado, posto que demasiado conhecido entre nós, este insigne portuguez, que foi sem duvida um dos maiores ornamentos do seculo 17.º, e um dos mais ferteis genios, que produziu a nossa patria, como poeta, moralista, juriscônsulto, politico e diplomatico.

Antonio de Sousa de Macedo era de familia oriunda da nobre villa de Amarante, mas nasceu em 13 de dezembro de 1606 na cidade do Porto, e foi baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Victoria. Seus pais foram Gonçalo de Sousa de Macedo, fidalgo da casa real, desembargador dos agravos na casa da supplicação, juiz da corôa e da fazenda, e contador mór do reino, e D. Margarida Moreira, descendentes ambos de familias illustres.

Contava poucos annos quando seu pai o trouxe para Lisboa e o mandou estudar no collegio de Santo Antão, onde aprendeu as humanidades; fazendo grandes progressos nas sciencias maiores. Em seguimento passou para a universidade de Coimbra, e alli se formou na faculdade de direito. Aos vinte e dois annos de idade publicou uma composição sua que intituloou — *Flores de Hespanha e Excellencias de Portugal*. — Esta obra foi mui bem recebida pelos sabios coevos, é escripta em lingua castelhana e teve duas edições, uma em 1631 e outra em 1737.

Pouco depois da sua formatura deixou a universidade, e veio para a côrte aonde exerceu um dos logares de desembargador de agravos na casa da supplicação. Distinguiu-se neste logar não só pelo seu saber como pela rectidão, imparcialidade e justiça com que exerceu o nobre e difficil cargo de julgador.

Tão versado na politica, como o era na jurisprudencia, foi nomeado secretario d'embaxada quando em 1641 D. Antão de Almada obteve a nomeação de embaxador junto á côrte d'Inglaterra. Aca-

bava por essas epochas Portugal de se emancipar da dominação dos Filippes, que haviam tornado este paiz uma mera colonia hespanhola, sem gozar sequer de nenhuma das vantagens que essas gozavam sob o dominio da mãe patria. Sessenta annos d'escravidão, de vituperio e affrontas nos custaram os erros e os delirios dos nossos governantes, e dessa escravidão veio livrar-nos o feito de João Pinto Ribeiro, e da flôr da nobreza que o ajudou em um só dia a lavar esses sessenta annos de affrontas.

As intrigas e insidias de Castella, que viu no 1.º de dezembro de 1640 cerceado o seu grande poderio, eram postas em movimento; e na Europa as grandes potencias não reconheciam ainda a dynastia de Bragança, chamada ao throno por esse feito sublimado que retumbára por toda a Europa. D. Antão de Almada, e Antonio de Sousa de Macedo, incançaveis na defeza do seu soberano, empregaram a penna e a voz; e a seus esforços em parte se deveu o reconhecimento pela Inglaterra dos direitos do duque de Bragança. Foi por essa occasião que Macedo publicou em latim as suas obras intituladas — *Lusitania liberata ab injusto castellanorum dominio, restituito legitimo principi serenissimo Joanni IV. Londini 1645* — e a Carta ao papa Urbano 8.º sobre o mesmo assumpto. Por essa epocha respondeu em lingua castelhana ao manifesto que a favor do rei de Castella publicára o seu chronista D. Joseph Pellizer. Assim naquelles tempos foi disputado pela penna, que não menos pela espada, o direito á corôa portugueza, cabendo a Macedo grande parte da gloria e denodo com que advogou a justiça da causa do seu soberano.

Tão relevantes serviços foram premiados com a nomeação de embaxador aos estados da Hollanda, para onde partiu no anno de 1651. Esta melindrosa embaxada soube elle desempenhar zelando os interesses da monarchia, e oppondo-se sagazmente ás exaggerações dos hollandezes.

Pela morte de D. João 4.º foi Macedo restituído á patria com a gloria de ter concluido feliz e honrosamente as negociações de que fôra encarregado. Achou então no throno o malfadado Affonso 6.º, que por certo não merecera o seu triste fim! Não é este o logar proprio para examinar se elle foi com effeito mais desgraçado que vicioso, basta que memoremos o seu exemplo, que alto brada aos principes, e lhes mostra o perigo de se entregarem a validos, e de afastarem de si o amor do povo que governam.

Affonso, apreciador dos talentos, inteireza e experiencia, que se reuniam na pessoa de Antonio de Sousa de Macedo nomeou-o no anno de 1663 seu secretario d'Estado, fazendo-lhe mercê das commendas de Santiago de Souzaellas na ordem de Christo, e Santa Eufemia de Penella da ordem d'Aviz; concedeu-lhe alem disso a alcaidaria-mór da villa de Freixo de Numão.

Um dos nossos mais eruditos biographos fallando deste insigne portuguez, diz: — «Que entre logares tão honorificos Macedo sempre conservára o animo igualmente humano e benevolo para todos, principalmente para os maiores emulos da sua fortuna, admirando-se a imperturbavel serenidade do seu coração no fatal anno de 1668, em que com as revoluções da côrte foi tentada com rigoroso exame a sua constancia.» — Aqui allude o biographo á regencia de D. Pedro 2.º, ao seu casamento, ao divorcio da princeza de Nemours, e ás outras occurrencias memoraveis dessa epocha, nas quaes parece que Macedo não tomára parte.

Falleceu no 1.º de novembro de 1682, quando contava 76 annos de idade. Jaz sepultado em um sumptuoso jazigo ornado pelos lados de varios emblemas, e disticos latinos, na igreja do convento de Nossa Senhora de Jesus, outr'ora dos religiosos terceiros de S. Francisco. O mesmo jazigo encerra tambem sua mulher D. Marianna Lamariet, que, segundo indica o epitaphio latino, morrerá no dia 4 de dezembro de 1682, isto é, 33 dias depois da morte de seu marido.

Seria quasi impossivel transcrever neste logar os elogios que a este grande varão fizeram muitos escriptores coevos, basta que digamos que na sua *Harmonia Politica* mostrou-se estadista — foi historiador na *Vida de Santa Roza* — poeta no *Ulyssipo* — genealogista na *Genealogia Regum Lusitaniæ* — philosopho no *Domínio sobre a fortuna* — juriscônsulto nas *Decisões, e na Lusitania Liberata*; e versado na historia antiga e na moderna nas *Flores de España*, e na *Eva e Ave*.

O catalogo de suas numerosas obras pôde vêr-se nos bibliographos, devendo nós citar, alem das que mencionamos, as que são menos conhecidas. — O seu manifesto ácerca da prisão do infante D. Duarte, impresso em Lisboa no anno de 1642. — A relação dos festejos que tiveram logar em Lisboa, por occasião do casamento da infanta de Portugal D. Catharina, com Carlos 2.º rei da Graã-Bretanha, impressa em Lisboa em 1662. — Rasão da guerra entre Portugal e as Provincias-Unidas dos Paizes Baixos com a noticia da causa de que procedeu, impressa em Lisboa em 1637 — e os opusculos que intitulou, *Mercurios Portuguezes, ou Relações dos successos militares entre Portugal e Castella resumidos a cada mez desde o principio do anno de 1663 até o fim do anno de 1667* (\*).

Abstemo-nos de mencionar o restante de suas numerosas obras, por não o comportar o genero desta publicação, podendo os curiosos consultar o Summario da Bibliotheca Lusitana, aonde miudamente as encontrarão enumeradas (:).

P. M.

#### TESTEMUNHO EM ABONO DAS MISSÕES CATHOLICAS.

As seguintes breves phrases de Mr. Slade, um dos mais instruidos e ao mesmo tempo fervorosos sectarios da reforma protestante, dizem mais em honra das missões do que poderíamos expender em longo e particularisado discurso. — «Pelas fadigas dos bispos e agentes da Propaganda o christianismo se tem conservado na Albania. — Gabam-se entre nós muitissimo as missões protestantes, que custam na verdade quantias enormes: porem o beneficio que ellas fazem é uma gotta d'agua, comparado ao oceano immenso das boas obras, derramado pela Igreja catholica romana, silenciosa e modestamente, por todos os pontos da Turquia; onde os christãos latinos, aborrecidos dos gregos, desprezados dos turcos, teriam infallivelmente abraçado o islamismo, se o incansavel zelo dos sacerdotes os não mantivesse na fé, não obstante o exemplo de muitos

de seus avós que apostataram para evitar a perseguição. — Perguntei a alguns destes eslesiasticos se já tinham convertido algum musulmano: responderam-me sinceramente que não: mas accrescentaram que a sua presença embaraçava a deserção do christianismo para o mahometanismo, e que este fructo bastava para os recompençar largamente de suas fadigas. Creem elles que se a Albania chegar a cahir algum dia em poder d'algun principe franco (*franque*, de origem europea e christã), breve os turcos desta provincia se farão christãos. A anomalia, que se nota entre a envilecida condição dos christãos da Albania e a sua igualdade de casta com os musulmanos das montanhas, confirma esta previsão. — É impossivel encontrar-mo-nos com os missionarios da Propaganda no Oriente sem experimentarmos forte abalo d'animo, vendo a situação destes homens tão recommendaveis por seu zelo e merito, cuja paciencia está exposta a provas extraordinarias: criados em Roma no centro das artes e sciencias, costumados aos commodos da sociedade italiana, vem demandar affastadas regiões, que parecem ainda mais remotas pela dessemelhança dos anteriores habitos de viver do que pela distancia material dos logares. Sujeitam-se voluntariamente a passar a vida em meio de um povo que lhe é tão inferior pelo lado da cultura mental quanto é diverso no que respeita costumes: e assim existem desterrados, no mais rigoroso sentido da palavra. Comtudo, momentos ha em que nos sentimentos inclinados mais a inveja-los que a lastimá-los: a compaixão suscitada pela idéa do seu sacrificio é superada pelo sentimento de admiração, que merecem em rasão do desinteresse e perseverança, que manifestam no desempenho de seus deveres, sem esperarem sequer uma sombra de gloria por premio de suas lidas, sem que os anime algum desses motivos que sustentam as acções humanas! Cortez com as pessoas das altas classes, familiares com as inferiores, caritativos com os desgraçados, dão uma imagem viva do que de si dizia S. Paulo: «tudo por todos.» — Se contarmos as gerações que tem passado depois das primeiras conquistas ottomanas, acharemos quantos milhões de almas tem sido salvas por estas vedetas do christianismo, sempre em seu posto permanentes para chamar os transviados, e manter os fieis em sua corajosa firmeza.» —

#### ANECDOTAS.

Um presumido, em uma carta que escrevia a certo fidalgo, entendendo que este era o cumprimento menos vulgar, e de maior respeito, assignou-se — Antipoda de V. Ex.<sup>a</sup> — F.

DETERMINANDO D. João de Castro passar á India, quiz levar consigo a seus filhos, D. Fernando, e D. Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou fazer algumas galas das que pediam a sua profissão e poucos annos. Passando acaso pela jubeteria, que nessas epochas correspondia á nossa rua dos algi-bebes, viu D. João de Castro pendurada uma rica veste; parou o cavallo, e perguntou de quem era. O official da loja respondeu-lhe, que a mandára fazer D. Alvaro, filho do governador da India. Então D. João, apeando-se e entrando na loja do jubeteiro pagou o preço da veste, e pedindo uma tizoura, a fez em retalhos, dizendo para o mestre: — Dizei a esse rapaz que compre armas.

(\*) A respeito desta publicação lea-se o 3.º art.º sobre Gazetas, em a pag. 102 do 2.º vol. da nossa 1.ª serie.

(:): Tal foi a importancia dos serviços em Inglaterra e a reputação que deixou ali este nosso ministro, que mereceu o titulo concedido a seu filho por elrei Carlos 2.º; não podendo verificar-se a graça na pessoa do pai, por já ser falecido. Veja-se o diploma e mais noticias a pag. 326 e 327 do vol. 4.º da 1.ª serie deste Jornal.